



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

As vozes que pertencem – Da reclusão à radiofonia

Departamento de Comunicação

Mestrado em Comunicação Social – Novos Media

2024, Inês Cruz Coelho



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Cruz Coelho

As vozes que pertencem – Da reclusão ao mundo radiofónico

Relatório de Estágio em Comunicação Social – Novos Media, apresentado ao Departamento de Comunicação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Carla Susana Ribeiro Patrão

Outubro, 2024

Agradecimentos

Uma palavra de imenso apreço à Professora Doutora Carla Patrão, pela paciência e amabilidade com que me acompanhou neste ano atribulado. As constantes palavras de encorajamento tornaram este trabalho possível. Obrigada.

À avó Maria da Luz. Luzita. Avozita. Pela educação exímia que me deste. Pela mão por onde andei, pela infância que tive, pelo amor que me soubeste dar. Um eterno obrigada.

Aos meus pais e ao meu irmão. Pelos receios e sacrifícios que vos causei, e possivelmente as dores de cabeça, um eterno agradecimento por estarem sempre disponíveis nesta minha aventura académica. Não podia ter tido melhor sorte em vos ter. Até a ti, mano.

Não se faz uma viagem destas sozinha. Ao meu lado nestes seis anos, que, irrepreensivelmente, me ajudou e amou em todos os momentos, agradeço ao Bernardo Matos. Acredito que as ocasiões de maior aflição não tenham sido fáceis. Um obrigada, para sempre.

À melhor amiga, Beatriz Marreiros. Pelos sete anos de amizade pura, de amor e companheirismo. Ao Alexandre Santos. Algarvios de gema. Sem a vossa amizade e palavras de razão, não teria chegado nem a metade. Sem o vosso fulgor, não teria terminado esta grande tarefa a tempo e horas. São os maiores.

À casa deste projeto, o Estabelecimento Prisional de Aveiro, agradeço imenso pela forma como me receberam. Senti-me em casa convosco. Um obrigada ao Cláudio Pedrosa, por alinhar em todos os meus planos, por mais loucos que sejam. Um obrigada por me ter permitido fazer o que mais gosto. Um abraço ao Adolfo e à Ana, pelas gargalhadas e pelo apoio constante no EP. A vossa presença foi imprescindível para o término desta etapa.

Por fim, agradeço aos “meus reclusos” pelo belíssimo trabalho desenvolvido. Pela paciência extrema e educação com que me receberam. Pelos desafios proporcionados, pelas palavras meigas quando tinha alguma questão. Este relatório, esta etapa, é tanto minha como vossa. Rádio EPA!

Para o melhor amigo-avô, Rui Coelho.

Para a doce avó Teresa.

Para o mais meigo dos tios, Pechincha.

.

As vozes que pertencem – Da reclusão ao mundo radiofónico

Este relatório de estágio consiste num diário refletivo sobre o processo de formação e criação de uma rádio em contexto prisional. Aqui questiona-se a hipótese da rádio como veículo auxiliar para a reinserção, como também se equaciona o posicionamento das rádios de circuito inteiro e rádios prisionais estrangeiras como possível atividade permanente em vários Estabelecimentos Prisionais. Refere-se unicamente o Estabelecimento Prisional da Guarda como exemplo primordial do teatro radiofónico no panorama nacional, e expõe-se as vivências e obstáculos enquanto estagiária no Estabelecimento Prisional de Aveiro.

Pretendeu-se formar reclusos para que tivessem autonomia, sensibilidade artística, e que à semelhança da Rádio Universidade de Coimbra, dessem continuidade à rádio interna. De dentro para dentro. Com a possibilidade de usarem as competências adquiridas na rádio, no exterior. Rádio em contexto prisional, o que é afinal?

Palavras-chave: Rádio, Estabelecimento Prisional, Aveiro, Reinserção

As vozes que pertencem – Da reclusão ao mundo radiofónico

This internship report consists of a reflective diary on the process of establishing and creating a radio station in a prison context. It questions the hypothesis of radio as an auxiliary vehicle for reinsertion and considers the positioning of radios and foreign prison radios as a potential permanent activity in various prison facilities. It specifically refers to Guarda prison facility, as a primary example of radio drama in the national landscape, and it discusses the experiences and challenges faced as an intern at the Aveiro prison facility.

The aim was to teach inmates to achieve autonomy and artistic sensitivity, so that, like the University Radio of Coimbra, they could continue the internal radio. From the inside, for the inside. With the possibility of using the skills when they are free. What is radio in a prison context, after all?

Keywords: Radio, Prison Facility, Aveiro, Reinsertion

Sumário

Agradecimentos	I
Lista de abreviaturas.....	VI
Lista de figuras	VII
Introdução	1
I. SISTEMA PRISIONAL	4
1.1. Sistema Prisional Português	5
1.2. O Estabelecimento Prisional de Aveiro	7
II. A INTENCIONALIDADE DA RÁDIO NO MEIO COMUNITÁRIO	9
2.1 A Rádio Comunitária.....	10
2.2. A Literacia Mediática	13
III. ENTRE GRADES.....	15
3.1. Rádio Prisional	16
3.2. National Prison Radio – O contexto	19
3.3. Os casos de Portugal e dos Estados Unidos da América	20
IV. Metodologia.....	22
4.1. Investigação-ação como método	23
4.2. A Implementação do projeto.....	25
4.3. RUC – A Rádio Escola	27
4.4. As vozes que pertencem.....	29
V. A construção da rádio EPAveiro.....	32
5.1. Material adquirido.....	33
5.2. Obstáculos	35
VI. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	38
6.1. Feira de música física.....	39
6.2. Módulo de entrevista	40
6.3. Ciclo de Cinema Radiofónico	41
6.4. Festival Que Lata! Punk e a Rave entre grades	42
6.5. Módulo DJing.....	44
Conclusão	45
BIBLIOGRAFIA.....	47
ANEXOS	53

Lista de abreviaturas

1. AECO – Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste
2. AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias
3. BBC - British Broadcasting Corporation
4. DSCA - Diretiva Sobre Serviços de Comunicação Social Audiovisual
5. DGRSP - Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
6. EDMO - European Digital Media Observatory
7. EFA - Educação e Formação de Adultos
8. EP – Estabelecimento Prisional
9. EPA - Estabelecimento Prisional de Aveiro
10. EPG - Estabelecimento Prisional da Guarda
11. ERC - Entidade Reguladora Para a Comunicação Social
12. ESCS - Escola Superior de Comunicação Social
13. MLEG - Media Literacy Expert Group
14. NPR - National Prison Radio
15. PPV - Plataformas de Partilha de Vídeo
16. PRA - Prison Radio Association
17. UAlg - Universidade do Algarve

Lista de figuras

FIGURA 1 - PLANO PARA A PRIMEIRA SESSÃO, 2024.....	28
FIGURA 2 – PRIMEIRO GUIÃO DE ENTREVISTA DO RECLUSO G.....	29
FIGURA 3 – PROPOSTA DE ORÇAMENTO, 2024.....	33
FIGURA 4 – TESTE DO MASTER DA MESA DE MISTURA, 2024.	34
FIGURA 5 - APOIO DE MICROFONE IMPROVISADO, 2024.....	36
FIGURA 6 - EQUIPAMENTO DA BANDA DE COIMBRA, EPILEPSIA ALIENÍGENA.....	42
FIGURA 7 - EQUIPAMENTO DA BANDA DE AVEIRO, PROTTOLBLASTER.....	43

Introdução

A rápida evolução das tecnologias, em especial da Internet, introduziu ao mundo dos media uma avalanche de desafios, e aos jornalistas convoca novas questões quanto à linguagem e narrativas. A rádio como conhecemos está em “mudança e transição que interfere com os seus tradicionais modos de produção (...)” (Bonixe, 2017 p.47). Neste relatório explora-se a rádio em contexto prisional. De dentro para dentro. De recluso para recluso.

Este trabalho resulta do estágio curricular realizado no âmbito da conclusão do mestrado em Comunicação Social, Novos Media, da Escola Superior de Educação de Coimbra. O estúdio situamos no Estabelecimento Prisional de Aveiro. Um grupo de oito homens reclusos dão voz ao éter da Rádio EPA. Uma rádio, de circuito interno, em exclusividade com a liberdade da experimentação.

Os Estabelecimentos Prisionais e os Centros Educativos acolhem estágios curriculares todos os anos, em diferentes áreas e com número limitado de vagas. Este estágio foi realizado no Estabelecimento Prisional de Aveiro, de janeiro a junho de 2024, sob a coordenação e auxílio do Diretor Adjunto Cláudio Pedrosa.

Este relatório de estágio pretende acrescentar um contributo de teor exploratório, seguindo-se inteiramente pela metodologia investigação-ação. Formaram-se dez radialistas, inspirados na formação base da Rádio Universidade de Coimbra, capazes de dar continuidade de forma autónoma e profissional à Rádio EPA. O Projeto “Rádio EP Aveiro” tem como objetivo desenvolver junto da população reclusa competências técnicas de locução e realização radiofónicas promovendo, simultaneamente, a literacia mediática, e também competências pessoais, sociais e de comunicação que favoreçam a reinserção social no regresso à liberdade, previnam a reincidência criminal e possibilitem a integração em meios de comunicação social da comunidade de origem, em particular nas rádios locais.

O relatório está organizado por seis capítulos. O primeiro circunscreve-se ao sistema prisional português e aos aspetos fundamentais relacionados com as instituições prisionais. Aqui revela-se o local do estágio, com uma breve introdução da identidade e projetos realizados no Estabelecimento Prisional de Aveiro.

No segundo capítulo o foco são as rádios comunitárias e a literacia mediática. São estabelecidos conceitos quanto às características subjacentes às rádios comunitárias, e também ao seu papel catalisador numa comunidade. No ponto 2.2 é aprofundada a literacia mediática, e o resultado da mesma numa sociedade informada.

O terceiro capítulo permite-nos explorar e identificar a rádio em contexto prisional, e de que forma é utilizada na ressocialização de reclusos. No primeiro ponto, 3.1, é oferecido uma visão geral da rádio prisional, e nos restantes tópicos é discutido a *National Prison Radio*, com uso de alguns exemplos relevantes para este relatório. O último ponto, 3.3, explica o único caso português e espelha o exemplo na rádio prisional norte-americana.

O quarto capítulo apresenta a investigação-ação enquanto método utilizado neste estágio. São expostas várias posições de teóricos quanto ao entendimento da metodologia escolhida. Aqui, é apresentado também a implementação da rádio. É discutido, no tópico 4.2, o espaço físico da rádio e são abordadas algumas questões fundamentais quanto ao funcionamento deste projeto.

Neste mesmo capítulo, considera-se a RUC como modelo programático a seguir e explica-se a minha ligação com mundo radiofónico. No último tópico, é apresentado os primeiros trabalhos dos reclusos, e a sensibilidade estética que os acompanha. É revelado a primeira entrevista, um trabalho de sonoplastia e os primeiros passos na construção de um indicativo.

O quinto capítulo aborda as questões que fizeram a rádio. Que material foi adquirido? De que forma? Este capítulo explicita também algumas das dificuldades enfrentadas ao longo dos seis meses de estágio, e de que forma foram, se possíveis, contornadas.

O sexto e último capítulo mostra todas as atividades realizadas no decorrer do estágio. Desde a um ciclo de cinema, uma feira de música física, um módulo de entrevista e *Djing*,

até ao irreverente Festival Que Lata!, com a participação de duas bandas de punk e três DJs.

I. SISTEMA PRISIONAL

1.1. Sistema Prisional Português

Os poderes públicos defenderam o apoio social a condenados desde o século XIX, contudo, foi no final da II Guerra Mundial que se efetivou esta prática. A ajuda a reclusos, ex-reclusos e às suas famílias deu-se, em primeira instância, por instituições morais e religiosas, e só mais tarde entraram as instituições privadas (Misericórdias, Comissões e Associações do Patronato - 1932). Nesta primeira etapa, o trabalho e a educação profissional asseguraram ser essenciais na reinserção social, e, portanto, fundamental na primeira intervenção dos profissionais da área social. O sistema prisional acolheu “o princípio da ressocialização através da reforma penal de 1936” (DGRSP, 2024: Desenvolvimento histórico), posteriormente inserido no Código Penal em 1954.

De 1956 a 1982, o Estado Português assume gradualmente a assistência penitenciária, na tentativa de munir as carências crónicas existentes no setor, com a fundação do serviço social português. Os profissionais deste serviço, chamados “assistentes”, “auxiliares sociais” ou “orientadores sociais”, focavam-se primariamente no “(...) apoio a reclusos, no apoio técnico ao Tribunal de Execução de Penas e no acompanhamento de liberdades condicionais, embora permanecesse deficitária a capacidade de intervenção pública na fase pós-sentencial (...)” (DGRSP, 2024: Desenvolvimento histórico). Os serviços sociais, surgem então, na década de 80, através da criação do Instituto de Reinserção Social.

Atualmente, o sistema prisional português está sob orientação da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), fundada em 2012 (Decreto-Lei 215/2012, do dia 28 de setembro) e dirigida por um Diretor Geral, coadjuvado por três subdiretores gerais. Esta entidade de administração pública é o resultado da junção da antiga Direção-Geral dos Serviços Prisionais e do Instituto de Reinserção social, com a necessidade de potenciar:

“o conhecimento e experiência acumulada pelos serviços de reinserção social e prisionais, permitindo uma atuação integrada e coerente em áreas conexas, complementares ou que se intercetam, mais consentânea com os princípios da equidade e da proporcionalidade, focalizada tanto nos riscos e necessidade do agente, como na proteção da vítima e da comunidade.”

(Decreto-Lei 215/2012 de 28 de setembro).

A aprovação da Lei Orgânica da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, em 2012, possibilitou a transparência no momento da intervenção, agora “centrada no indivíduo”, desde a fase pré-sentença até à sua liberdade, propondo táticas de intervenção que possam atenuar as sequelas da privação de liberdade, com a finalidade de diminuir a reincidência criminal:

“Com a integração, num mesmo serviço, da execução das políticas de prevenção criminal e de reinserção social, pela execução, tanto das penas e medidas privativas da liberdade, como das alternativas à prisão, concretiza-se igualmente um modelo de intervenção que potencia o conhecimento e experiência acumulada pelos serviços de reinserção social e prisionais, permitindo uma atuação integrada e coerente em áreas conexas, complementares ou que se intercetam, mais consentânea com os princípios da equidade e da proporcionalidade, focalizada tanto nos riscos e necessidades do agente, como na proteção da vítima e da comunidade.”

In Lei Orgânica da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. Publicação DL nº 215/2012 de 28 de setembro.

A missão da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais consiste no “desenvolvimento das políticas de prevenção criminal, de execução das penas e medidas de reinserção social e a gestão articulada e complementar dos sistemas tutelar educativo e prisional, assegurando condições compatíveis com a dignidade humana e contribuindo para a defesa da ordem e da paz social”, apontando desta forma os valores deste organismo (DGRSP, 2024: visão, missão e valores): a crença na capacidade de mudança do ser humano, defesa e promoção dos direitos humanos, defesa da segurança da sociedade, valorização da reinserção social e a prevenção da reincidência criminal.

Recentemente, a Lei nº.94/2017, de 23 de agosto, substanciou o ideário de reinserção com a implementação de mudanças estruturais no sistema punitivo. A Lei refere alterações no regime de execução de pena de prisão, com exposição nos regimes de semidetenção e de dias livres, de permanência na habitação com uso de vigilância eletrónica, e também na substituição da pena de prisão por multa.

1.2. O Estabelecimento Prisional de Aveiro

O Estabelecimento Prisional de Aveiro (EPA), integrado na Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, tem como princípio o “desenvolvimento de medidas de prevenção criminal, de execução de penas” (DGRSP, 2024: Visão, Missão e Valores) e metodologias que facilitem a reinserção social do recluso. Estas medidas apoiam-se sobretudo nas atividades escolares, dinamizadas por docentes do Agrupamento de Escolas Homem Cristo, com a colaboração do Conservatório de Música de Aveiro em atividades do foro artístico. O EPA é considerado um estabelecimento de alta segurança e de grau de complexidade médio.

Atualmente o Estabelecimento Prisional de Aveiro tem 105 reclusos, do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 22 e os 71 anos, maioritariamente em regime de prisão preventiva, e também de cumprimento de penas privativas de liberdade, à ordem dos Tribunais da Comarca de Aveiro e da Comarca de Coimbra. À data, existem 25 reclusos condenados com penas superiores a seis meses.

Neste Estabelecimento Prisional, as penas e as medidas privativas de liberdade são assentes em dois regimes de execução: regime comum e regime aberto, considerando em primeira instância, no âmbito do artigo 12º, decreto-lei nº 115/2009, de 12 de outubro, a avaliação e evolução do recluso ao longo da pena, dando prioridade ao regime que favoreça a reinserção do recluso. Ao abrigo do artigo 2º. do decreto-lei nº 215/2012, de 28 de setembro, o Estabelecimento Prisional de Aveiro assenta o seu propósito na visão, missão e valores da DGRSP “a execução das penas e medidas privativas da liberdade assegurando condições compatíveis com a dignidade humana e contribuindo para a defesa da ordem e da paz social” (Decreto-lei nº 215/2012). Os estabelecimentos prisionais portugueses têm como prioridade a defesa e a promoção dos direitos humanos, dignidade e o respeito solene pela personalidade individual do recluso, os seus interesses e direitos jurídicos.

Os projetos de carácter sociocultural são um fenómeno recente nos estabelecimentos prisionais portugueses, enquadrados na intervenção e tratamento prisional, constituídos nas disposições do nº1 do art.º 49º. do Código da Execução das Penas e Medidas Privativa da Liberdade (CEPMPL, aprovado pela Lei n.º 115/2009, de 12 de outubro) “são

organizadas nos estabelecimentos prisionais atividades socioculturais e recreativas, designadamente através da existência de bibliotecas, de serviço de leitura, de videotecas e de programas diversificados de animação cultural, das quais os reclusos possam usufruir, tendo em vista o seu bem-estar e o desenvolvimento das suas aptidões.” (Decreto-Lei nº 115/2009).

A integração da vertente artística em âmbito de reclusão tem tido uma crescente adesão quer por parte de voluntários exteriores, quer também por iniciativa dos estabelecimentos prisionais e até pelos Serviços Centrais da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Estas iniciativas, contempladas no grande leque das artes, variam desde a música ao teatro, à literatura e às artes plásticas. No caso do Estabelecimento Prisional de Aveiro, as atividades de carácter artístico profissional centram-se no teatro e na música, em parceria com o Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian. Nas atividades escolares inseridas no âmbito dos cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), são exploradas, esporadicamente, as artes plásticas e a componente informática. Recentemente, os reclusos incluídos nos Cursos EFA, aprenderam os primeiros passos da edição de vídeo, e também desenvolveram uma aplicação integrada no projeto educativo tecnológico “Apps For Good”.

O Projeto “Rádio EP Aveiro” tem como objetivo desenvolver junto da população reclusa competências técnicas de locução e realização de programas radiofónicos, simultaneamente, a literacia mediática, e também competências pessoais, sociais e de comunicação que favoreçam a reinserção social no regresso à liberdade.

II. A INTENCIONALIDADE DA RÁDIO NO MEIO COMUNITÁRIO

2.1 A Rádio Comunitária

A magia das emissoras de rádio comunitárias é um fenómeno que tem vindo a ser cautelosamente analisado como uma possível alternativa aos sistemas públicos e privados de radiodifusão (Midões, 2020). Esta nova perspetiva mediática assume características de forte vocação social, e de grande impulso na luta pelos direitos das minorias que, nos países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, poderá apresentar-se como uma plataforma auxiliar para o desenvolvimento social e económico. (Paula, 2012). Uma das características subjacentes às rádios comunitárias, é a predisposição de transmitirem a sua identidade através da expressão artística - os ritmos locais, a literatura e até o teatro. O espelhar da diversidade cultural é fundamental para uma comunidade.

As instituições internacionais associam as rádios comunitárias ao seu papel social. O caso da União Europeia, por exemplo, recorreu às “normativas publicadas pelo Parlamento Europeu e Comissão Europeia, pressionando os governos dos países que a compõem a legislar no sentido de enquadrar legalmente o terceiro setor de radiodifusão” (Midões, 2020, p.1). Tanto a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) como a UNESCO têm apoiado o setor, sobretudo através de estudos, mas também com a implementação de emissoras de rádio em várias partes do mundo, com uma maior incidência no continente africano.

De acordo com Midões (2020), o conceito de rádio comunitária poderá ser difícil de se definir, uma vez que a teoria poderá ser díspar daquilo que a prática nos desvenda. É comum, neste ramo por explorar, encontrarmos designações diferentes do mesmo termo “rádio comunitária”: Em Espanha e no Reino Unido, utiliza-se o termo “comunitárias”, no entanto, na Alemanha e na Itália, é comum ser designado por “livres”. (Midões, 2020)

Atentando à regulação vigente do próprio país, a rádio comunitária foi também definida como “ilegal”, “pirata”, e dependendo dos grupos sociais, foi igualmente imposto os termos “estudantil” “universitária” “hospitalar”. No mundo académico, a escolha das definições assenta em termos como “alternativas”, “radicais” (Scifo, 2014 p.164).

A única verdade, é que as designações vão variando consoante a localização, contexto político e cultural do local onde a rádio surge. Lewis (2005) explica que cada região tem

um histórico de luta e marginalização cultural determinante para a associação da terminologia.

A programação de uma rádio comunitária tem de ir ao encontro da realidade local, salientando as fragilidades e a cultura da região, de forma a proporcionar a interação direta da comunidade no funcionamento da rádio. Para Peruzzo (1998), a democratização da comunicação deve ser uma característica deste meio. Como tal, a gestão de uma rádio comunitária é feita através de um coletivo, um grupo de pessoas que tenham um objetivo em comum. Dieng (2013) afirma que, independentemente da origem da iniciativa, a rádio fundada por uma comunidade é chamada a participar na sua gestão. É imperativo ter em conta que um dos princípios distintos de uma rádio comunitária é a sua finalidade não lucrativa dado à “manutenção da sua isenção e imparcialidade” (Midões, 2020, p.96). Contudo, este princípio é custoso de cumprir, tendo em conta a necessidade de manutenção e sobrevivência de uma rádio.

A grande diferença das rádios comunitárias e das rádios públicas e privadas, assenta fundamentalmente no seu propósito. As rádios comunitárias estão intimamente centradas nas comunidades, “sejam comunidades geográficas ou comunidades de interesse” (Midões, 2020, p.97), facilitando gratuitamente o acesso à informação. O envolvimento da comunidade, voluntariamente ou não, é crucial para a transformação de um indivíduo ouvinte, a um indivíduo participante na divulgação de informação.

As rádios comunitárias são comumente desenvolvidas por associações ou fundações, dependentes dos recursos da comunidade. Apenas grupos não comerciais podem criar uma rádio desta natureza, com o foco numa programação centrada na região e dedicada à comunidade. Para além da sua atividade enquanto órgão de comunicação social, as rádios comunitárias são plataformas catalisadoras; isto é, a sua presença no meio ajuda a detetar problemas intrínsecos na sociedade, e a identificar possíveis resoluções. (Midões, 2020).

Esta transmissão das realidades locais possibilita contornar o isolamento e a iliteracia, frequentemente estabelecendo as rádios comunitárias como o principal meio de comunicação de uma população desfavorecida (Fraser & Restrepo-Estrada, 2001). Um incentivo que resulta numa coesão e consciência intrínseca na comunidade.

A rádio é, também, uma ferramenta de empoderamento de comunidades fragilizadas. Neste relatório, a comunidade em questão situa-se num estabelecimento prisional. A comunicação para as pessoas em reclusão é mais do que uma voz gravada. É um instrumento que une a reclusão à liberdade.

2.2. A Literacia Mediática

A era digital transformou profundamente a forma como a informação é elaborada, consumida e transmitida. Entende-se que a literacia para os media, por sua definição, é a habilidade de “aceder, analisar, avaliar” conteúdo (Cardoso et al. 2023, p.10) a partir de diversas formas de media. É uma aptidão considerada essencial no século XXI.

A noção de literacia tem vindo a atualizar-se à medida que se incluem novas formas de expressão e comunicação audiovisuais. A relevância da literacia mediática é exposta “de forma mais ou menos explícita desde a Declaração de Grünwald sobre a Educação para os Media, de 1982” (Lopes, 2011, p.5). Para Paula Lopes (2011), a literacia mediática é um conceito “amplo e transversal”, acordando que não se trata exclusivamente do domínio e competência, mas sim do caráter crítico acerca do conhecimento obtido. Em oposição, Pereira (2015, p.22) fundamenta que o termo “competência” não se pode restringir a “uma simples descrição de uma ação ou comportamentos esperados”, apurando que “competência não se limita à aplicação do conhecimento” e que por sua vez é fundamental evitar limitar o conhecimento à competência. Pereira (2015, p.23) estabelece que a competência deve “contemplar as capacidades de análise, de leitura crítica, de questionamento ou de transposição que a abordagem por competências pode oferecer”.

De acordo com a Comissão das Comunidades Europeias (2009, p. L 227/10), a literacia mediática assenta na “capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspetos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos”, permitindo assim a produção de conteúdos seguros, responsáveis e éticos, na forma de luta contra a persistência da desinformação. Para Zacchetti (2011), a literacia mediática eleva a consciência das pessoas quanto à informação que consomem diariamente. Trata-se de uma inclusão na sociedade do conhecimento, da informação e é um critério fundamental para uma cidadania atenta e informada. Sonia Livingstone e Shenja Van Der Graaf (2010) propõem uma perspetiva focada no conhecimento, isto é, fundamenta o desenvolvimento das competências necessárias de forma a analisar o conteúdo, a produção resultante e o resultado de cada mensagem. Os investigadores enfatizam “(...) o campo transformativo e dinâmico dos

médias digitais para sublinhar que a literacia deve envolver não apenas a receção mediática, o público como destinatário, mas de todas as suas dimensões: acesso, compreensão e criação de conteúdos” (Costa et al., 2023, p.311)

Para a democracia, a literacia mediática resulta em cidadãos informados e com sentido crítico, capazes de exercerem as suas responsabilidades cívicas. É fundamental, considerando o perigo da desinformação, que as políticas públicas “convergentes e estruturadas” (Cardoso et al., 2023) disseminem e apoiem a expansão da literacia.

Internacionalmente, a literacia mediática tem suscitado preocupação e interesse, reconhecendo ser um ramo de foco por parte de “(...) organismos globais, instituições europeias” (Cardoso et al., 2023, p.7) e outros países da União Europeia.

A Comissão Europeia tem estado atenta à área da literacia para os media. Das inúmeras iniciativas destaca-se o projeto de 2015, *Media Literacy Expert Group* (MLEG). Esta iniciativa alberga representantes de todos os Estados-membro. Já em 2020, a União Europeia financiou o *European Digital Media Observatory* (EDMO), o ponto de referência para atividades relacionadas com a desinformação. Por fim, em 2023, a Comissão Europeia revelou as orientações para a literacia mediática, seguido da revisão da “Diretiva Sobre Serviços de Comunicação Social Audiovisual (DSCA), formalmente como Diretiva (UE) 2018/1080. De acordo com Cardoso (2023), esta diretiva exige que os Estados-Membros divulguem e definam um conjunto de ações que permitam o desenvolvimento das competências da literacia mediática.

Recentemente, foram feitas alterações na “Lei da Televisão” que vinculam os fornecedores de serviços de Plataformas de Partilha de Vídeo (PPV), juntamente com a rádio e a televisão, concedendo mais obrigações à Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). Segundo a ERC, antes da alteração da DSCA, não existia uma legislação que acentuasse, de forma clara, a responsabilidade dos órgãos de comunicação social em auxiliar e desenvolver aptidões de literacia mediática.

III. ENTRE GRADES

3.1. Rádio Prisional

A rádio é um meio de comunicação célebre pela sua teimosia e resiliência ao longo dos tempos, mantendo-se relevante até ao presente, apesar das inúmeras transformações tecnológicas no campo da produção e de consumo. Com o aparecimento da televisão, a rádio perdeu o protagonismo como meio de informação e entretenimento preferido do público. Mesmo assim, o mundo radiofónico reinventou-se ao introduzir novas propostas de produção informativa, e tecnologias que tornam mais acessível a escuta da rádio em mobilidade – com o fator de portabilidade. (Ribeiro, 2022)

É assumido que a literatura sobre a rádio no contexto prisional é escassa. São poucos os autores que exploram confortavelmente este nicho. A principal autora e defensora de rádio em contexto comunitário, e também participante em ações que contribuem para a literacia mediática de minorias, é Heather Anderson. A autora, em estudos passados, acentua a forma como a rádio pode ser usada na educação de reclusos, e na ligação entre a comunidade de dentro e a informação disseminada no exterior.

De acordo com Anderson & Bedford (2017), a rádio prisional surge em dois formatos principais, que, em junção representam a comunidade interna e externa dos Estabelecimentos Prisionais. Um dos formatos é a rádio de circuito interno, o mesmo formato do projeto Rádio EP Aveiro. O estúdio destas rádios está inserido dentro do Estabelecimento Prisional e a informação é transmitida somente para a comunidade interna, de recluso para recluso. A rádio de circuito interno, para além do carácter inclusivo do conteúdo difundido, tem a possibilidade de se expandir criativamente através de uma educação jornalística informal.

O segundo formato insere-se fora dos Estabelecimentos Prisionais. Esta iniciativa, geralmente associada a rádios comunitárias, partilha conteúdo produzido por reclusos. Grande parte (apesar da escassez destes projetos), trabalham numa partilha de fora para dentro, não só com reclusos, mas também com ex-reclusos e familiares, numa tentativa de divulgar problemáticas relacionadas com o sistema prisional.

Como foi referido anteriormente, existem poucos estudos que aprofundem a natureza da rádio prisional. A literatura é limitada e geralmente é focada num só tópico sem ligação

com trabalhos anteriores. Anderson (2012) concentrou o seu trabalho nas rádios prisionais e criou um inventário global radiofónico dedicado exclusivamente aos reclusos. Surge então o projeto *Beyond The Bars*, uma iniciativa localizada em Fitzroy, na Austrália, que pretende compreender as relações interpessoais dos reclusos membros da rádio, com a comunidade Aborígine (Anderson, 2013). Por outro lado, Minc Butler and Gahan (2007) investigam as políticas do consumo de droga no sistema prisional, a partir do projeto *Jailbreak*.

O silenciar de uma voz reclusa não é exclusivo à prática radiofónica. Goffman (1961) descreve a experiência de uma pessoa em reclusão como “morte cívica”. São retiradas as oportunidades pertencentes a um cidadão ativo na sociedade. Lumby (2002) afirma que os reclusos são desumanizados pela cultura popular, isto é, são vistos e distinguidos pelos crimes que cometeram e não pela sua individualidade. Um dos exemplos cruciais da desumanização é o direito ao voto. Grande parte dos reclusos a nível global perdem o direito ao voto quando se encontram dentro do sistema prisional, contudo, existem iniciativas que promovem a reinserção do recluso na sociedade. A venda de artesanato e de legumes é a prática mais utilizada internacionalmente. Noutros casos, também é vendida a música e poesia produzida por reclusos (Anderson & Bedford, 2017).

A rádio prisional é um exemplo distinto. Embora contribua para a reinserção do recluso, a intencionalidade da rádio não é essa. Como foi descrito por Goffman (1991), entende-se que o conceito de cidadania é comprometido quando se está num regime de reclusão. Os reclusos não podem participar em iniciativas públicas, contudo, investigadores como Heather Anderson e Charlotte Bedford (2017, 2015) concordam que a participação de um recluso na rádio, seja como locutor, técnico de radiodifusão ou até ouvinte, melhora consideravelmente o sentimento de pertença, tendo em conta que a rádio depende apenas do som. Da voz. Comparado com outras iniciativas dentro do âmbito jornalístico, a rádio é mais fácil de executar e difundir.

A existência das rádios prisionais é um instrumento de ativismo, e de divulgação de questões sociais. Um dos exemplos marcantes está situado na Austrália, *Jailbreak Health Project*, é um projeto que partilha e esclarece dúvidas sobre a saúde sexual e as doenças sexualmente transmissíveis, como também partilha a visão artística, seja através da música ou poesia. Segundo Charlotte Bedford (2015), a participação numa iniciativa desta

natureza auxilia os reclusos perante a sua situação de privação de liberdade. Para Fisher (2009), a rádio prisional australiana deu voz aos reclusos, especialmente nas alturas festivas, quando a separação de um indivíduo e da família se torna real e dolorosa.

A rádio, a voz, e a possibilidade de as famílias ouvirem as escolhas do recluso, promove uma ligação embora estejam em lugares diferentes. O mesmo acontece com a televisão. Segundo Fisher, o ato de ver um programa sabendo que a família irá ver também, fortalece a ligação emocional com os parentes. Ao ver o programa televisivo em simultâneo, é como se estivessem presentes no mesmo espaço. (Knight & Tighe, 2017)

A capacidade de os reclusos lidarem com a privação de liberdade e sentirem-se conectados com a família, ajuda a manter intacto a noção de comunidade. Da mesma forma que fazer rádio, ou ouvir um programa, contribui para a sensação de pertença. Segundo Bedford (2015, p.42), a rádio prisional “presta um serviço a uma comunidade”, no sentido em que esta sensação de pertença ajuda a moldar conceitos de “comunidade, responsabilidade e empatia”.

3.2. National Prison Radio – O contexto

A rádio prisional emergiu na primeira metade da década de 90, como reação à taxa elevada de suicídio e violência na prisão Juvenil de Feltham, no Reino Unido. (International Prison Radio, 2021).

Em 2005 foi assinado um acordo de colaboração entre a BBC e os serviços prisionais britânicos. Passado um ano, devido à magnitude da procura por rádios prisionais, foi fundado em 2006 a *Prison Radio Association* (PRA) (Gosztonyi, 2018). Inicialmente, a associação auxiliava projetos amadores de rádio, a título individual. Contudo, rapidamente se expandiu e deu origem à primeira estação de rádio exclusivamente programada por reclusos. A *National Prison Radio* (NPR) é uma rádio de serviço interno, que transmite via satélite para televisões prisionais. A transmissão alcança mais de 100 estabelecimentos prisionais no Reino Unido e no País de Gales, com uma programação 24h por dia, sete dias por semana (International Prison Radio, 2021)

A estreia da rádio contou com um locutor da BBC em colaboração com um recluso proveniente do estabelecimento masculino *His Majesty Prison Brixton*. A primeira emissão teve um convidado especial, o antigo membro dos The Clash, Mick Jones, que interpretou a famosa canção *Should I Stay or I Should I Go*. (James, 2007)

A *National Prison Radio* procura diminuir a reincidência criminal ao apoiar os reclusos na duração da sua sentença. São discutidos programas de rádio e atividades que mantêm a comunidade reclusa numa bolha radiofónica humanizada. Para além do éter na prisão masculina de Brixton, foi criado um estúdio na *Her Majesty Prison Styal* - prisão feminina. As equipas de profissionais e produtores trabalham em conjunto com a comunidade reclusa na produção e desenvolvimento de ideias e guiões, na escolha musical e na estruturação de um programa de rádio (International Prison Radio, 2021).

De acordo com a *Prison Radio Association* (PRA), cerca de 99% dos reclusos sabem da existência da NPR e 89% ouvem a emissão diariamente.

3.3. Os casos de Portugal e dos Estados Unidos da América

A rádio prisional em Portugal ainda é um projeto em fase embrionária.

No Estabelecimento Prisional da Guarda (EPG), estreou-se no âmbito do projeto “radioatividades”, a iniciativa de teatro radiofónico. À data, é a única rádio prisional em Portugal. A rádio, de circuito interno, é um projeto de experimentação artística nascido em setembro de 2022 e dinamizado no Estabelecimento Prisional da Guarda pela Terceira Pessoa Associação, com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e a “Fundação La Caixa” através da iniciativa “PARTIS & Art for Change”. O projeto conta com a colaboração da Antena 2.

“Radioatividade” aborda inúmeras iniciativas com a comunidade reclusa (feminina e masculina) que “permitem e potencializam a experimentação de linguagens artísticas com abordagem de diferentes géneros textuais, a performance e o contacto com ferramentas audiovisuais de expressão artística.” (DGRSP: 1.ª emissão da Rádio Interna do Estabelecimento Prisional da Guarda, 2023). A equipa de profissionais é constituída por um dramaturgo, ensaísta, poeta e artistas multidisciplinares, que em conjunto com os reclusos, desenvolvem os guiões e transformam em peças de teatro radiofónico a partir dos textos da autoria de Serge Sagnail e Regina Guimarães.

Recentemente, o EPG deu início à transmissão das emissões de teatro radiofónico. São oito peças, emitidas ao longo de oito semanas, focadas no universo literário de William Shakespeare - Rádio Fantasma - Afasto os seus demónios, é o nome do guião trabalhado. “Uma rádio que cruza o real e o imaginário, entre o sonho e o devaneio, entre a deriva e o rumo certo.” (Antena 2, 2024).

Nos Estados Unidos da América, a Rádio do Estabelecimento Prisional de Colorado *Inside Wire*, foi fundada em 2022 com a colaboração de uma iniciativa da University Of Denver Prison Arts Initiative. Apesar de ser uma rádio de circuito interno, transmitida através do circuito televisivo do EP, a emissão é difundida para o público através do website e da aplicação *Inside Wire*. Dentro da rádio, os reclusos são incentivados a aprenderem produção de áudio e técnica de radiodifusão. (Colorado Prison Radio, 2023).

A emissão da rádio é diária, sem interrupções, totalmente controlada e editada pela comunidade prisional. Os reclusos guiam a emissão, desde o princípio até ao fim. (Colorado Prison Radio, 2023).

Constroem os guiões de entrevista, do programa de música, editam o som e produzem todos os conteúdos de entretenimento (Colorado Prison Radio, 2023).

À semelhança do EP Aveiro, o Estabelecimento Prisional do Colorado permite que os reclusos tenham a liberdade criativa para criarem e divulguem as suas emissões. Ao mesmo tempo que vão trabalhando enquanto departamento, cultivam igualmente valores importantes para a reinserção: o respeito, a empatia, a autoestima e o mais importante, o normalizar da vulnerabilidade e a confiança nos colegas (Colorado Prison Radio, 2023).

O trabalho da *Inside Wire* não só ajuda os reclusos integrantes na atividade, como também auxilia quem os ouve. É um processo colaborativo, que permite que a comunidade se una criativamente numa espécie de peça de teatro da mente. É certo que a rádio tem o poder de ampliar a imaginação do ouvinte. A *Inside Wire*, pretende transmitir a sensação de companheirismo (Colorado Radio For Justice, 2024) enquanto os reclusos navegam pelo período de vulnerabilidade e solidão.

A *Inside Wire* é a primeira rádio prisional a transmitir uma emissão contínua. Todos os dias, dentro e fora dos Estabelecimentos Prisionais. Esta iniciativa resulta na sensação de conexão com quem está a passar pelo mesmo processo, e por quem está fora do sistema. É uma tentativa de diminuir a reincidência entre reclusos, e em simultâneo desmistifica o sistema prisional.

IV. Metodologia

4.1. Investigação-ação como método

O termo investigação-ação surge em 1944 pelo psicólogo alemão Kurt Lewin. Apesar da história da investigação-ação ser semelhante à maioria dos métodos qualitativos nascidos no século XX, a sua popularidade foi alcançada na área da educação e da formação de professores. (Cardoso, 2014) A popularidade deve-se, em grande parte, à possibilidade de existir uma opção à investigação tradicional, com a junção de poder investigar a verdadeira “realidade educativa” (Cardoso 2014, p.33).

Cohen e Manion (1980, p. 174) apresentam um conceito inicial de que a “investigação-ação é uma intervenção em pequena escala no funcionamento do mundo e a verificação próxima dos efeitos de tal intervenção”. Ora, este conceito sugere apenas o princípio prático e situacional da investigação-ação. Noutro caso, Barbier (1985, p.38) explica a origem da investigação-ação como “pesquisa psicológica de campo, e tem como objetivo uma mudança de ordem psicossocial.”

Regressando a Cohen e Manion (1980), Barbier (1985) e a Cardoso (2014), os autores revelam as características da investigação-ação: é situacional – acautela o diagnóstico e a possível solução de um problema, inserido num contexto social único; colaborativa e participativa – apoio mútuo entre investigadores e práticos; cíclica – sabendo que a investigação irá envolver ciclos de descobertas que, futuramente originam a mudança e implementação no projeto; auto-avaliativa – com isto, as mudanças são avaliadas continuamente, com o propósito de produzir novos conhecimentos e ir alterando a sua prática. (Cohen & Manion, 1980)

Ledoux (1983, p.623) define a investigação-ação como “a produção de conhecimentos ligada à modificação de uma realidade social dada, com a participação ativa dos interessados”. Esta definição insere-se no trabalho que desenvolvi no EPA, atentando ao carácter colaborativo do projeto, e também à importância dos reclusos como comunidade interessada em mudar uma situação específica, através do diagnóstico “de um problema que se pretender modificar de imediato ou a curto prazo” (Cardoso 2014, p.35). Nesta natureza, a investigação-ação teve um impacto significativo na construção da rádio. Sabendo que esta investigação se desenvolve de acordo com quatro momentos fulcrais:

planificação, ação, observação, reflexão, foi do maior interesse permanecer nesta abordagem. Cada aula dependia da reação da aula passada.

Foi necessário ajustar e adaptar cada etapa às necessidades dos reclusos, registando cada observação, para que na aula seguinte existisse alguma fluidez nos conteúdos programáticos.

4.2. A Implementação do projeto

Os Estabelecimentos Prisionais e os Centros Educativos acolhem estágios curriculares todos os anos, em diferentes áreas e com número limitado de vagas. Este estágio foi realizado no Estabelecimento Prisional de Aveiro, de janeiro a junho de 2024, sob a coordenação e auxílio do Diretor Adjunto Cláudio Pedrosa.

Em 2023 surgiu o desafio de criar e dinamizar uma rádio em contexto prisional, inspirada na formação radiofónica da Rádio Universidade de Coimbra. Evitou-se o uso da formação com tendência academizante professor - aluno e reforçou-se a destreza, autoconfiança e as capacidades artísticas e individuais dos reclusos.

A turma pertencente à rádio foi atribuída com base na participação dos reclusos nas atividades propostas pelo EP. A turma inicial, na sua totalidade, estava inserida no projeto do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian. Quatro, dos iniciais oito, são alunos dos cursos EFA. Em maio juntaram-se mais dois reclusos, também inseridos na escola. Ao todo foram formados dez alunos.

A sala de música foi transformada no estúdio da rádio. Forrou-se de cortiça e isolou-se com espuma. A partilha do espaço foi cedida pela direção do EP, e totalmente modificada para que o éter marcasse presença no meio das paredes de betão. As aulas, de janeiro a abril, foram essencialmente teóricas, com alguns momentos práticos na preparação vocal. Embora não tenhamos dado muito uso ao papel e à caneta, nem ao modelo autoritário de professora - alunos, as aulas foram bem-sucedidas e não limitativas, resultando numa turma ciente das regras base do jornalismo radiofónico.

A introdução ao equipamento foi feita de forma gradual e consoante o desenvolvimento do formando. A vulnerabilidade e a possibilidade de errar são pensamentos que atormentam um recluso – a fragilidade e o medo de ser alvo de gozo, é um medo intrínseco em cada um. Tendo isso em conta, as primeiras aulas que envolveram falar ao microfone e mexer no material radiofónico, foram feitas individualmente. Uma hora com cada um, para que se sentissem confortáveis em errar.

Por motivos de confidencialidade, os nomes dos reclusos não vão estar expostos. Em vez, cada aluno é apresentado por uma letra. Por exemplo: aluno G ou aluno M.

Cada pessoa tinha um gosto distinto. O G era naturalmente interessado por entrevistas e informação, no entanto, o D preferia música e o M dominava a técnica de radiodifusão. Havia, é claro, uma necessidade em adaptar a formação aos alunos, os textos transformados trava-línguas e os guiões construídos consoante o interesse do formando.

Ao longo destes seis meses de estágio, foi imprescindível estabelecer de imediato uma relação de confiança com os reclusos participantes. Comecei por me apresentar como Inês, e não como “professora”. Era importante que não me vissem como mais uma figura autoridade, não era essa a intenção da rádio. Dirigiam-se a mim como “menina”, “Dona Inês”. Alguns deixavam fugir, talvez por hábito, o “professora”. O meu favorito, que me fazia sempre feliz, era “senhora da música”. Eu cumprimentava o grupo com um aperto de mão, ou um abraço singelo. Alguns preferiam um “bom dia, senhor M!” e uns minutinhos de conversa individual. Estas interações orgânicas reforçou a aproximação e confiança entre o grupo, e talvez seja o motivo do bom funcionamento da rádio.

Fizemos alguns exercícios para treinar a projeção de voz e a dicção. Treinámos as “emoções da rádio” sem nunca ligar a histórias de vida, muito menos ao motivo que os fez estar no EP. O medo, a surpresa, a felicidade, a tristeza. Tudo transposto em trava-línguas, alguns, é claro, com innuendo. O favorito do grupo era: “Fui ao mar colher cordões, vim do mar cordões colhi.” Errar já não era tão mau quando todos o fazem, e todos passam pela mesma dificuldade.

4.3. RUC – A Rádio Escola

Considera-se o dia 1 de março de 1986 como o início da atividade da Rádio Universidade de Coimbra, contudo, o projeto data desde os primórdios da década de 40 como Centro Experimental de Rádio (CER). Foi do seio da experimentalidade que a RUC surgiu.

A RDP Emissora Nacional cedeu tempo de Antena ao Centro Experimental de Rádio. A estruturação e realização de programas de 20 minutos estava ao encargo dos estudantes. Em conversa com Fausto Silva, os programas eram gravados nos estúdios da RDP Centro, embora não seja descartado a possibilidade de alguns terem sido gravados nas instalações do Centro Experimental, em fita magnética. Foi com este tempo de antena que a RUC obteve o nome Rádio Universidade.

A 1 de Março de 1986, a RUC anuncia um conjunto de diretrizes que ainda se mantêm atuais. Seguem-se três exemplos transmitidos, de forma adaptada, aos alunos da Rádio EP Aveiro:

- Formação radiofónica aos estudantes da Academia e incentivo a quem estiver interessado em participar na rádio, salientando que se trata de um espaço seguro para a liberdade artística e experimental;
- Olhar de modo crítico para a condição da atualidade local, nacional e internacional;
- A importância de transmitir informação com o rigor e objetividade.

O plano de formação da rádio EP Aveiro foi inspirado na formação anual do curso de Locução e Realização da Rádio Universidade de Coimbra. São seis anos que me ligam à única rádio escola de Portugal.

Comecei a viagem pelo mundo radiofónico em 2018. Prossegui a dar aulas de Locução e Realização e a coordenar o respetivo curso durante dois anos. Em 2023, em colaboração com o Convento São Francisco, foram criadas oficinas de rádio no âmbito do projeto “Primaveras Estudantis – Como os Estudantes ajudaram a derrubar a ditadura”, da qual resultaram duas emissões: Cantigas de Luta e Armas de Revolução. Este trabalho foi desenvolvido por alunos do 2º e 3º ciclo do Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste (AECO).

A estruturação do plano de aulas da Rádio EP Aveiro foi inspirada na RUC. Embora o plano não tenha sido seguido na íntegra, dado à intenção de investigação-ação, o projeto EP Aveiro foi baseado na minha experiência transformativa enquanto aluna e futuramente formadora da RUC. É sabido, ademais, que o projeto inicial não foi seguido de forma contínua. Foi necessário adaptar o plano ao tempo escasso. Por mais que houvesse recetividade ao tema da aula, naturalmente que, por uma razão ou outra, tivessem dificuldade assimilar toda a informação numa aula só. Portanto, em vez de demorarmos uma aula, demorávamos duas ou três. As que fossem necessárias para que o recluso ganhasse autonomia e habituação, de forma gradual e orgânica, às noções necessárias para dar continuidade à rádio. Apesar de ser intrinsecamente diferente, a experiência que a formação da RUC proporciona, com base na tentativa-erro, é semelhante ao que incuti neste projeto. A figura 4 mostra o projeto pensado para a primeira sessão.

O projeto inicial foi produzido sem conhecimento prévio do ambiente prisional. Após a primeira aula, foi imediatamente descartado. Seguiam-se os conteúdos programáticos, mas não havia um limite de tempo, dentro do razoável, para os lecionar. A forma como os conteúdos eram expostos, dependia inteiramente da vontade e da curiosidade do recluso.

1ª Semana – Introdução

Aulas abertas, descontraída.

- Apresentação, introdução e discussão. O que é a rádio? Como funciona?
Como se faz?
- Conversa sobre os tipos de conteúdo radiofónico: crónica, rubrica, programas de faixa e de autor, entrevista
- Géneros musicais – conversa aberta
- Breve introdução técnica – mostrar a mesa, fones, software.

TPC:

Escolher 5 músicas para mostrar aos colegas na sessão seguinte. Explicar o porquê de ser a música favorita - 3 ou 4 linhas.

Ouvir um programa de rádio e registar os momentos favoritos.

Figura 1 - Plano para a primeira sessão, 2024

4.4. As vozes que pertencem

Ao longo do estágio no EP de Aveiro, os reclusos foram desafiados a escreverem os seus próprios guiões. Todos os trabalhos foram escritos e estudados de forma acompanhada, e na grande maioria, foram lidos e revistos durante a aula. No processo de *brainstorming* e escrita, tratou-se de perceber a sensibilidade estética de cada um. É certo que a sensibilidade poderá ser inata – propensos a ou predispostos para - contudo, foi visível no grupo que a arte, neste caso as composições musicais e a escrita, é um escape para uma pessoa em privação de liberdade.

Na figura 5 é apresentado um dos primeiros guiões de entrevista. O recluso G tinha um interesse especial pela escrita e informação. Apresentou, de forma espontânea, as questões que gostaria de tratar com o entrevistado.

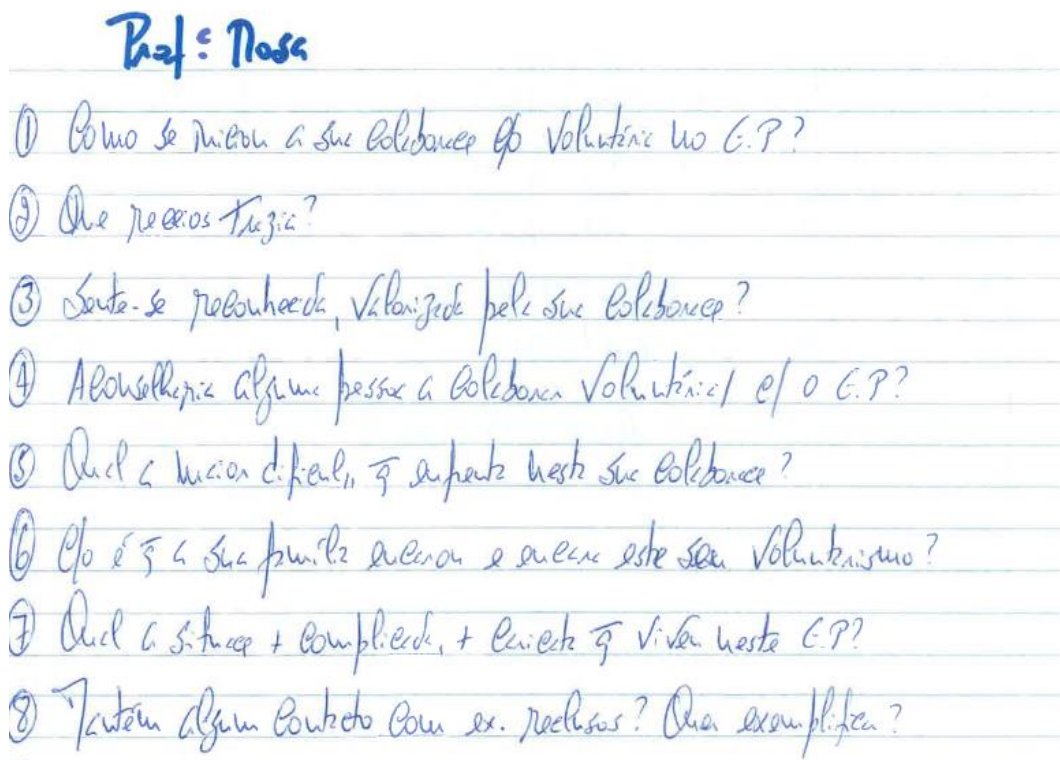


Figura 2 – Primeiro guião de entrevista do recluso G.

Para uma melhor compreensão, transcrevo as questões:

1. Como se iniciou a sua colaboração como voluntária no EP?
2. Que receios trazia?
3. Sente-se reconhecida, valorizada pela sua colaboração?
4. Aconselharia a alguma pessoa a colaboração voluntária com o EP?
5. Qual a maior dificuldade que enfrenta nesta sua colaboração?
6. Como é que a sua família encarou e encara este seu voluntarismo?
7. Qual a situação mais complicada, mais caricata que viveu neste EP?
8. Mantém algum contacto com ex-reclusos? Quem exemplifica?

O segundo exemplo é um pequeno diálogo entre um compadre (narrado pelo recluso J) e um agricultor (narrado pelo recluso G). Como não se encaixa no perfil informativo, nem tem a duração necessária para ser um programa de música, decidimos tornar o diálogo numa pequena peça de teatro com elementos de sonoplastia. Para a construção da paisagem, J imaginou os sons do campo. O vento, água, chilrear dos pássaros e o cavar da terra. A melodia tocada no piano é também da autoria do recluso J.

Neste exercício a dois, foi fulcral fundamentar a importância do sentido crítico e do ouvido enquanto indivíduos a experienciar a arte em reclusão. De que forma pretendiam incluir os sons? Sons sobrepostos? Narrar a seco? Usar dois tipos de composições para diferenciar os momentos da ação? O anexo 1 revela o texto intitulado “Não há como semeares e não colheres”.

A identidade da rádio e a identidade de cada programa foi o tópico discutido em quase todas as sessões. O que identifica e distingue um programa? Jingle ou indicativo? De acordo com o investigador e historiador Rogério Santos (2017, p.84), um jingle é uma “pequena composição musical cantada e com a duração a não ultrapassar um minuto”. Apesar de termos discutido e até planeado a produção de um indicativo, não foi possível devido ao tempo escasso. O anexo 2 apresenta as ideias musicais do recluso para o programa de autor “Músicas no Mundo”.

Nas primeiras sessões foi pedido aos alunos que escrevessem uma lista, a explicar ou não, que refletisse o gosto musical de cada um.

O anexo 3 revela o programa do recluso D, “Músicas no Mundo”, um programa de reggae e música alternativa, que se foca também na situação atual de emergência climática. Ao mesmo tempo, havia quem quisesse mostrar a sua poesia. J, envergonhado, emprestou-me o bloco de notas onde escrevia grande parte das suas composições. O anexo 4 revela a capa desenhada e pintada pelo recluso.

V. A construção da rádio EPAveiro

5.1. Material adquirido

A aquisição do material radiofónico foi um processo moroso.

O EP já dispunha de um PA, mesa de mistura, alguns microfones e a respetiva cablagem. Para conseguir equipar a rádio como o material necessário para uma emissão fluída, tratei de escrever um rascunho com os equipamentos básicos. Com o rascunho já assente e apresentado ao Diretor Adjunto Cláudio Pedrosa e ao técnico superior Adolfo Pires, prestámos uma visita a todas as lojas de música de Aveiro-centro e pedimos um orçamento detalhado do material de radiodifusão.

Cientes da possível quantia exorbitante, o EP conseguiu arrecadar um patrocínio por parte da empresa DIATOSTA. A empresa doou o material no valor de 1.242,78€. Graças à doação, foi-nos possível adquirir todos os equipamentos necessários para o funcionamento da rádio interna, desde microfones e acessórios, auscultadores, cablagem, uma controladora dupla (acesso a CDs e a pen USB).

Na figura 1 é apresentado uma das propostas de orçamento por parte de uma empresa de música. Deste orçamento foi adquirido a controladora *Numark CDMIX USB CD/MP3 player with USB playback*. À semelhança das restantes rádios nacionais, este equipamento permite que os reclusos tenham acesso a música física e música digital.

Exmo.(s) Sr. (s):

Direção-Geral de Reinserção e Serviços
Prisionais

Rua Calouste Gulbenkian, 118 – 3800-001 Aveiro

Aveiro, 30 de Janeiro 2024			
Qt.	Descrição	PP unitário	PP Total
1	Amplificador de Headphones Behringer HA-400	40,00	40,00
5	Auscultadores Roland RH-5	30,00	150,00
3	Microfone AKG P120 Condensador Estudio Multipurpose	105,00	315,00
3	MICROFONE SONTRONICS PODCAST PRO RED	105,00	315,00
5	Cabo XLR de 1 Metro cada Strix	6,00	30,00
1	Aranha e Pop para Micro de Locutor Roadworx	34,90	34,90
1	Suporte K&M 23320 Base p/Mesa 3/8", preto, p/ Microfone	41,00	41,00
1	NUMARK CDMIX USB CD/MP3 Player with USB Playback	435,00	435,00

Figura 3 – proposta de orçamento, 2024.

As colunas em linha, que vão difundir a emissão da Rádio EPA pelos corredores, até à data ainda não tinham chegado, nem estavam devidamente orçamentadas.

A montagem do material foi feita com o auxílio do recluso M. Como foi referido no tópico anterior, cada formando tem uma aptidão específica não necessariamente relacionada com o jornalismo radiofónico. Neste caso, o M é o técnico de radiodifusão e o responsável pelas montagens do material. Na figura 2 é possível ver o recluso M a testar o *master* da mesa de mistura.



Figura 4 – Teste do master da mesa de mistura, 2024.

5.2. Obstáculos

Para que este estágio fosse frutífero, sabendo o desafio que o projeto impõe, procuraram-se estratégias que contornassem a rigidez presente num Estabelecimento Prisional. É adquirido, para quem está em liberdade, que a informação está a um toque de distância. Seja uma música específica que queira ouvir, ou um tema que queira aprofundar. Num Estabelecimento Prisional, sem acesso à internet e telemóveis, não é possível ter um resultado imediato.

Foi necessário pensar em formas de estimular a criatividade dos reclusos, como também inculcar alguns hábitos de pesquisa que estivessem ao alcance de um livro ou de um jornal. Como foi referido no tópico 5.1, cada aluno apresentava uma preferência distinta. Para melhor entender a inclinação de cada aluno, foram pensadas várias iniciativas e trabalhos que estimulassem de alguma forma a sensibilidade artística. Em primeiro lugar surgiu, em discussão com o grupo, a vontade de pesquisar sobre um tema ao seu gosto. Ora, estando num estabelecimento prisional, o acesso à internet é limitado e quase não existente. Sem informação concisa, torna-se desafiante iniciar a investigação para um guião.

Para contornar esta situação, foi-nos concedida a permissão para aceder à internet no parlatório, geralmente às segundas-feiras de manhã. O acesso era feito através do *hotspot* do meu telemóvel pessoal, e os alunos traziam os computadores ou os tablets do EP. Havia quem tivesse auscultadores na cela, e que por isso podiam ouvir música à vontade. Quem não tivesse, eu emprestava os dois auscultadores que trazia de casa.

A chamada dos reclusos participantes para comparecerem na atividade era um ritual moroso. Este procedimento retirava alguns minutos preciosos à aula, visto que nem todos os reclusos estão no mesmo espaço. Uns poderão estar na escola, outros poderão estar nas suas obrigações. A deslocação de oito reclusos, dez na reta final, obrigava a uma operação de segurança cautelada.

Sob a exigência do horário interno do EP, não tínhamos tempo suficiente para analisar e interpretar a informação que encontravam na internet. Como foi referido acima, o acesso à internet só era possível nos dias em que não houvesse visita, portanto só dispúnhamos da manhã de segunda-feira, ou o horário das 16h após o fim das visitas. O tempo era

igualmente escasso nos períodos de gravação. A janela silenciosa que existia era apenas das 11h às 12h30, com a pausa de almoço do recluso. Sabendo que no caso do programa, a emissão durava cerca de 1h, e uma entrevista ocupava 35 a 45 minutos, foi necessário alguma flexibilidade e escala para conseguir gravar todos os programas sem interrupções.

O equipamento, por motivos alheios ao EP, chegou apenas em abril. Para remediar, a Rádio Terra Nova e a Professora Orquídea Martins emprestaram-nos cordialmente os microfones para iniciarmos as primeiras gravações. Como não dispúnhamos de mais material senão os microfones e a cablagem, foi improvisado um apoio com cabides da roupa, como mostra a figura 3.



Figura 5 - Apoio de microfone improvisado, 2024

Embora nem tudo tenha corrido de acordo com o plano inicial, sobretudo no que toca ao material, as atividades decorreram com bastante receptividade e interajuda. Cada um dos reclusos estabeleceu uma área do seu gosto, e foram explorando e questionando o mundo radiofónico de forma independente ao longo das aulas. É fundamental referir que os diretores, técnicos de educação, professores, manifestaram de imediato curiosidade na iniciativa, querendo alguns participar na rádio como convidados. Contudo, alguns guardas prisionais reagiram à novidade da rádio com alguma desconfiança. Seria, a meu

ver, uma disrupção das regras e rotinas já assentes no EP. Não obstante, fez-se questão de solidificar a confiança, com diplomacia e paciência, sempre em permissão de diálogo constante caso algo não fosse feito da forma mais acertada.

VI. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

6.1. Feira de música física

A primeira atividade desenvolvida no Estabelecimento Prisional de Aveiro foi uma pequena feira de música física. A ideia surgiu e o diretor-adjunto Cláudio Pedrosa e Adolfo Pires, técnico superior, mostraram interesse de imediato.

Para montar a feira, o EP deu-nos acesso a uma sala de aula. Movimentámos as mesas em “U”, retirámos algumas das cadeiras e tratámos de enfeitar a sala com todos os objetos musicais. A intenção era passar o exterior para o interior. Uma loja de discos, devidamente equipada com um gira-discos, numa sala de aula de um Estabelecimento Prisional. Era sabido que alguns dos alunos desconheciam a técnica de um disco de vinil, e houve quem nunca tivesse tocado num disco.

A feira teve a duração de aproximadamente duas horas. Nesse período era permitido aos reclusos a possibilidade de ouvirem os discos que quisessem, e aprenderem a mexer num gira-discos. Houve também uma pequena roda de conversa sobre as experiências em festivais e concertos.

Adolfo Pires, o técnico superior, trouxe um gira-discos e vários exemplares de discos, singles. António Variações, foi o disco que mais chamou à atenção.

O diretor-adjunto, Cláudio Pedrosa, teve a amabilidade de conseguir trazer inúmeros formatos de discos de vinil. Single de 45 rotações por minuto, single com *double A side*, LP (*long play*) e um EP (*extended play*). Consegui acrescentar à mostra de música física com um *picture disc* e um *flexi disc*.

A feira de música física, como primeira atividade do grupo de rádio, criou confiança e leveza entre o grupo.

6.2. Módulo de entrevista

O módulo de entrevista foi lecionado por Alexandre Santos no dia 14 de março de 2024, e teve a duração de uma hora.

O Alexandre Santos é licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Algarve (UAlg), e mestre em Audiovisual e Multimédia pela Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), em Lisboa. Tem também uma formação avançada em programação, produção e apresentação em rádio, certificada pela Universidade Católica Portuguesa. Para além da formação académica, o Alexandre Santos pertenceu à Rádio Universitária do Algarve e foi produtor na Antena 3.

Desde o início das sessões foi bem claro o interesse do grupo pelas entrevistas. De forma a proporcionar uma sessão mais descontraída e expositiva, surgiu a oportunidade de convidar o Alexandre Santos, que prontamente aceitou o desafio.

O módulo, desenhado para ser expositivo e prático, teve a duração de uma hora. Ao longo da hora, os reclusos tiveram a oportunidade de simular uma entrevista e de a gravar como se estivessem “em campo”. O Alexandre Santos, amavelmente, trouxe um gravador e explicou todas as funcionalidades. O anexo 5 revela o enunciado dado ao grupo.

Do grupo, na altura eram somente oito, dois decidiram gravar uma pequena entrevista fictícia. O recluso B era o entrevistador, e o recluso D personificava o jogador de futebol Neymar. A experiência permitiu com que o grupo se unisse, ponderasse e questionasse o papel das entrevistas, e a sua estrutura básica. Desde então, foram gravadas onze entrevistas, entre elas, uma entrevista ao chefe dos guardas prisionais e ao diretor do estabelecimento prisional de Aveiro, Dr. João Paulo de Sá. As entrevistas foram, sem sombra de dúvida, a atividade mais cobiçada pelos reclusos. Naqueles minutos de entrevista, de locutor, a voz pertencia-lhes.

6.3. Ciclo de Cinema Radiofónico

Em abril de 2024 fui submetida a uma cirurgia. Sabia que, para além da música, os reclusos interessam-se bastante por cinema. Na própria biblioteca do EPA existe a possibilidade de requisitar DVDs para ver na cela.

Ciente da minha ausência e do possível corte de atividades radiofónicas, sugeri ao Diretor-adjunto Cláudio Pedrosa a oportunidade de criar um pequeno ciclo de cinema só com filmes relacionados com a rádio. A ideia foi exposta ao grupo e o agrado foi unânime. As sessões, ao contrário das aulas, eram abertas à comunidade reclusa. Qualquer pessoa estava convidada a assistir aos filmes.

Para informar os reclusos da atividade, fiz um pequeno cartaz a divulgar os filmes que seriam transmitidos na semana de 22 a 29 de abril, como é possível verificar no anexo 6.

Os filmes seriam transmitidos ao longo da semana, a começar às nove e meia da manhã na biblioteca, com a possibilidade de, mais tarde, serem transmitidos noutra hora caso alguém não pudesse ver. Para o grupo da rádio ficou combinado verem os filmes, caso não tivessem nenhuma tarefa pendente. Era fundamental que os reclusos tirassem uma conclusão quanto às diferentes dinâmicas radiofónicas. No fim, discutiu-se abertamente os filmes que mais os marcaram.

6.4. Festival Que Lata! Punk e a Rave entre grades

O Festival Que Lata! foi um festival desenvolvido em contexto prisional. A iniciativa inicialmente tinha três tardes de música planeada, compreendidas num espaço de três semanas. Uma tarde por semana.

Devido às alterações meteorológicas, o dia 3 de abril foi cancelado, tendo assim ficado apenas duas datas, - 10 e 17 de abril, das 14h30 às 17h, no pátio de recreio do Estabelecimento Prisional de Aveiro. Organizar um festival já é por si trabalhoso, organizar um festival dentro de um EP envolve uma dança de logística bastante superior. Em primeiro lugar existe a burocracia necessária. Quantas pessoas vão entrar? Quantos instrumentos são? Quem são as pessoas e a que bandas pertencem? Seguido da identificação legal de cada membro pertencente à banda. Depois de estar toda a informação e identificação verificada, cada elemento é revistado. Um por um. Só no fim foi carregado o equipamento (fig. 6 e 7) para dentro do EP.

Para o dia do Punk, decidi convidar duas bandas distintas. Uma das bandas, Prottoblaster, é da zona de Aveiro. Os Epilepsia Alienígena são de Coimbra.

Prottoblaster é uma banda de *horror punk*, formada em 2019. São quatro membros, todos da cidade de Aveiro. Epilepsia Alienígena faz o contraste musical, e traz ao EP o mundo do psicadélico e *stoner*.

Equipamento a entrar:

- (1) Teclas + combo
- (1) Baixo
- (1) Guitarra
- (1) combo de baixo
- Cabos e ligações xlr
- (1) suporte de microfone
- (1) djembe
- (1) Head Guitarra (Dual Terror)
- (1) Combo Harley Benton
- Tarola/Pratos/Pedal de Bombo/ Suporte Choques/ Suporte Girafa

Figura 6 - Equipamento da banda de Coimbra, Epilepsia Alienígena.

Equipamentos a entrar:

- (1) Guitarra
- (1) Baixo
- (1) kit de bateria
- (1) Amplificador
- Cabos e ligações

Figura 7 - Equipamento da banda de Aveiro, Prottoblaster

Cada banda trouxe um momento irreverente ao EP, algo que é pouco habitual em contexto prisional. As interações das bandas com a comunidade reclusa, o barulho, as guitarras desafiantes e a disrupção da realidade com o momento de concerto. Os anexos 7 e 8 mostram as duas bandas, Prottoblaster e Epilepsia Alienígena, durante a atuação.

O último dia de festival, 17 de abril, contou com um momento de música acústica por parte da artista Joana Almeida, e encerrou com um DJ Set de Bernardo Matos, Maria Nolasco e DJ NO NEW NEWS. A participação da cantora Joana Almeida, é da curadoria das estagiárias de psicologia, Mónica Campos e Rafaela Garcia.

A música eletrónica é um dos géneros musicais favoritos entre a comunidade reclusa. O primeiro é o hip-hop, sem margem de dúvida. Na impossibilidade de conseguir trazer um artista do género, decidi recriar uma *rave*. Dois dos DJs convidados pertencem ao coletivo conimbricense *Instrumental Violence* e trouxeram sonoridades dentro do *house* e do *techno*. A Maria Nolasco trouxe batidas tropicais, leves e dançáveis.

Nos anexos 9, 10 e 11 vemos os três DJs. O equipamento dos dois dias de festival foi montado pelo recluso M, considerado o técnico de radiodifusão da Rádio EPA.

De material, os DJs Sets só necessitaram da controladora, neste caso foi a própria do EP, e das respetivas *Pen Drive*.

O Festival foi uma atividade de libertação. Alguns tiveram coragem de dançar, outros sentaram-se encostados ao muro e apreciavam a música. Cada um à sua maneira.

6.5. Módulo DJing

O módulo DJing foi último módulo inserido no estágio curricular. Ao contrário das atividades passadas, esta, como era o meu último dia no EP, foi também um lanche com o grupo.

A última semana no EP revelou-se num furacão de emoções: aproximava-se a minha ida, e o medo que a rádio parasse ia crescendo. Muitos questionavam o futuro da rádio, se seriam capazes de “comandar” o éter. Se tinham capacidade, ou até, se lhes era permitido o acesso ao estúdio no horário habitual das 11h ao 12h30. Foi garantido que a rádio iria continuar, e continuará.

O módulo DJing contou com a presença de dois dos Djs que participaram no último dia do Festival Que Lata. O Bernardo Matos e João Sousa (DJ NO NEW NEWS) deslocaram-se de Coimbra a Aveiro, para revelarem ao grupo um bocadinho do íntimo da arte de DJing. Alguns, felicíssimos, tinham contacto com o equipamento “lá fora”. Vê-los a desfrutar de algo que não faziam há algum tempo, foi um dos pontos altos deste projeto.

Como referi anteriormente, a sensibilidade artística poderá ser inata – propensos a ou predispostos para. No caso do grupo da rádio, a sensibilidade estava presente, sobretudo quando envolve o toque direto com a música. O tempo e o ritmo já lhes era inato, eram poucos os truques que o Bernardo e o João podiam ensinar.

Cada pessoa teve a oportunidade de fazer transições entre músicas. Os temas foram escolhidos com base nos gostos dos reclusos. A preferência mútua era o *house* da década de 90 e o *dub*. Sempre que um recluso mais tímido fazia a transição da música A para a música B, os restantes felicitavam entre “Boa!” “Mais uma!” e assobios. Desta forma tive a certeza de que o grupo da rádio era sólido, e que tudo fariam para continuar no ar, independentemente das dificuldades que poderão surgir.

Conclusão

Este projeto pretendeu apresentar a rádio no contexto prisional, salientando a sua origem na rádio comunitária. Da comunidade nasce a rádio, e da comunidade se fez a rádio prisional.

Reconhecemos a formação radiofónica como forma de expressão humana, que conjuga a sensibilidade artística com competências necessárias para a reinserção do recluso. Aqui, formou-se um espaço, um pequeno estúdio, suscetível ao processo criativo e ao questionamento da sua condição enquanto pessoa em privação de liberdade. Discutiram-se desassossegos, estabeleceram-se relações sociais entre o grupo de reclusos e formou-se um pequeno departamento radiofónico no Estabelecimento Prisional de Aveiro. Apesar da maior parte do grupo da rádio estar na escola, raramente é lhes dada a oportunidade e a responsabilidade de trabalharem em equipa. A construção da confiança e de uma dinâmica estável foi possivelmente um dos pontos mais marcantes deste estágio.

Os estudos expostos neste relatório, maioritariamente da autoria de Heather Anderson e Charlotte Bedford, apontam para uma necessidade mútua entre todas as rádios prisionais existentes: a emergência em considerar a reinserção de um recluso numa prioridade dentro das políticas governamentais. A educação artística, embora exista nos Estabelecimentos Prisionais portugueses, não possui um programa regular. Isto é, ainda não se trata de educação não formal nos Estabelecimentos Prisionais. Apesar de serem desenvolvidas atividades no âmbito do teatro e da música, as mesmas acontecem esporadicamente. À data deste relatório, o único projeto nacional de natureza radiofónica é o “RadioATIVIDADE”. Um trabalho belíssimo, de teatro radiofónico desenvolvido no Estabelecimento Prisional da Guarda.

Este trabalho demonstra que a rádio em contexto prisional ainda está em fase embrionária, mesmo com as mudanças significativas na autoestima do recluso e na socialização. A formação radiofónica, totalmente adaptadas à situação, é uma investigação permanente. Qual é a melhor pedagogia a usar na formação radiofónica em contexto prisional? É possível expandir a formação radiofónica em Portugal? É ou não fulcral perpetuar as vozes de uma minoria?

Ciente do envolvimento maravilhoso dos dez reclusos na estruturação da Rádio EPA, e o peso assente pelo Estabelecimento Prisional de Aveiro no que toca à construção e adaptação do seu espaço para receber um novo projeto, a rádio em contexto prisional ainda é vista com algum desdém, embora já se note curiosidade em tentar perceber o que se faz dentro do estúdio.

Para além da rádio, este estágio proporcionou-me a oportunidade de organizar o Festival Que Lata. O nome estabelece de imediato o carácter irreverente com que foi produzido. O propósito era trazer música alta, barulhenta, disruptiva e contrastar com a atuação da Joana Almeida (curadoria das estagiárias de psicologia) e dos Djs, de forma a incentivar e promover a rádio do EPA. No fim do festival, quase todos se questionavam quanto à existência de uma rádio “a sério” na prisão.

Concluo ao salientar que os objetivos e ideias que tinha para este projeto, tornaram-se evidentes para mim, de que é de facto possível criar uma rádio em contexto prisional. É possível formar e deixar o bichinho da rádio aos reclusos. É possível educar os indivíduos quanto ao rigor jornalístico. É possível ser frágil, e mostrar a sua verdadeira identidade ao microfone. É possível ter uma voz entre grades.

BIBLIOGRAFIA

Anderson, H., & Bedford, C. (2017). *Theorising the many faces of prisoner radio: developing a holistic framework through process and product*. Media International Australia, 164(1), 92-103. <https://doi.org/10.1177/1329878X17697829>

Anderson, H. (2012). *Raising the Civil Dead*. Lausanne, Switzerland: Peter Lang Verlag. <https://doi.org/10.3726/978-3-0351-0315-1>

Anderson, H. (2013). *Beyond the Bars: Prisoners' Radio Strengthening Community*. Media International Australia, 149(1), 112-127. <https://doi.org/10.1177/1329878X1314900113>

Antena 2. (2024, 31 de julho) *Rádio Fantasma – afaste os seus demónios*. <https://antena2.rtp.pt/em-antena/teatro-radiofonico/radioatividade-radio-fantasma-3-as-feiras-19h00/>

Barbier, R. (1985). *Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bedford, C. (2015). *Making Waves Behind Bars: The Story of the Prison Radio Association* [Tese de doutoramento, University of Adelaide]

Bonixe, L. (2022). *Practices and Models of Entrepreneurial Journalism in Portugal*. *Brazilian Journalism Research*. <https://doi.org/10.25200/BJR.v18n3.2022.1494>

Bonixe, L. (2016). *Percursos da formação superior do jornalismo radiofónico em Portugal*. *Media & Jornalismo*, 16(28), 39-53. https://doi.org/10.14195/2183-5462_28_2

Bruno, N., & Nielsen, K., N. (2012). *Survival is Success: Journalistic Online Start-Ups in Western Europe*. Reuters Institute For The Study Of Journalism.

Cardoso, A.P. (2014) *Inovar com a investigação-ação: desafios para a formação de professores*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10400.19/3382>

Cardoso, G., Baldi, V. (2023) *Evolução e estado atual da Literacia para os Media. Análise de Portugal no Contexto Europeu*. OberCom – Observatório de Comunicação. Lisboa

https://obercom.pt/wpcontent/uploads/2023/10/Literacia_evolucao_estado_2023_310utubro.pdf

Cohen, L., & Manion, L. (1980). *Research methods in education*. London: Croom Helm.

Colorado Prison Radio. (2022) Why a prison radio station?
<https://www.coloradoprisonradio.com/why.html>

Colorado Prison Radio. (2023) Colorado Radio For Justice.
<https://www.coloradoprisonradio.com/radio-for-justice.html>

Costa, S., Tavares, M., Bidarra, J., Mendes da Silva, B. (2023). *The Enredo Game-Installation: A Proposal to Counter Hate Speech Online*. In: Martins, N., Brandão, D. (eds) *Advances in Design and Digital Communication III*. DIGICOM 2022. Springer Series in Design and Innovation , vol 27. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-20364-0_27

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2024). Desenvolvimento histórico.
<https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-na-comunidade/Desenvolvimento-hist%C3%B3rico>

Dieng, P. (2013). *Radio Communautaires, espace public et développement local: enjeux et contraintes au Sénégal*. Community radio, public space and local development: challenges and constraints in Senegal. *Revue Electronique Internationale de Sciences du Langage*.

Decreto-Lei nº 215/2012 do Ministério da Justiça: Lei orgânica da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2012). Diário da República n.º 189/2012, Série I de 2012-09-28. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/215/2012/09/28/p/dre/pt/html>

Decreto-Lei nº 74/2020 da Presidência do Conselho de Ministros: alteração do Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado (2020). Diário da República n.º 187/2020, Série I de 2020-09-24. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/74/2020/09/24/p/dre/pt/html>

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2024, 14 de março). Visão, missão e valores. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Sobre-a-DGRSP/Vis%C3%A3o-miss%C3%A3o-e-valores>

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2023, 15 de dezembro) 1ª Emissão da Rádio Interna do Estabelecimento Prisional da Guarda. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Noticias-da-DGRSP/1%C2%AA-emiss%C3%A3o-da-R%C3%A1dio-Interna-do-Estabelecimento-Prisional-da-Guarda>

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2024, 22 de março) Desenvolvimento histórico. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-na-comunidade/Desenvolvimento-hist%C3%B3rico>

Fisher, D. (2009) *Mediating Kinship: country, family, and radio in northern Australia*. Cultural Anthropology, 24: 280-312. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1360.2009.01132.x>

Fraser, C., Restrepo-Estrada, S. (2001). *Community radio handbook*. Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000124595>

Goffman, E. (1961) *Asylums: Essays on the social situation of mental patients and other inmates*. NY: Anchor Books. New York.

Gosztanyi, G. (2018) *Prison Radios: Communication on the Periphery of a Society*. Mediální studia 01:133-139. <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=678806>

International Prison Radio (2021) Impact Report. <https://prison.radio/wp-content/uploads/Prison-Radio-International-Annual-Snapshot-2021.pdf>

James, E. (2007, 30 de novembro). *Brixton prison is radio friendly*. The Guardian. https://www.theguardian.com/culture/tvandradioblog/2007/nov/30/brixtonprisonisradiofriendly?CMP=share_btn_url

Knight, V., Tighe, S., (2017) *Should the public be listening to prison radio programmes? An exploration of prison radio in Sweden and North America*. Prison Service Journal, 234, 31-38.

<https://www.crimeandjustice.org.uk/sites/crimeandjustice.org.uk/files/PSJ%20234%2C%20Prison%20radio.pdf>

Ledoux, Y. (1983). *Théorie critique et recherche-action: L'héritage habermassien*. Revue de l'Institut de Sociologie.

Lei nº 94/2017 da Assembleia da República. (2017). Diário da República nº 162, Série I de 2017-08-23. <https://data.dre.pt/eli/lei/94/2017/08/23/p/dre/pt/html>

Lei nº 115/2009 da Assembleia da República. (2009). Diário da República nº 197/2009, Série I de 2009-10-12. <https://data.dre.pt/eli/lei/115/2009/10/12/p/dre/pt/html>

Lewis, P. (2005). Editorial introduction. In T. Wall & P. Lewis (Eds.), *The radio journal: international studies in broadcast and audio media*, 3(1), 3-6. <https://pt.scribd.com/document/18798558/The-Radio-Journal-International-Studies-in-Broadcast-and-Audio-Media-Volume-5-Issue-1>.

Livingstone, S.; Van der Graaf, S. (2010). *Media literacy*. In Donsbach, W. (Ed.) *The International Encyclopedia of Communication*. Wiley-Blackwell. <https://ssrn.com/abstract=171236>

Lopes, P. (2011) *Literacia(s) e literacia mediática*. CIES e-Working Paper nº 110/2011. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. <http://hdl.handle.net/10071/2973>

Lumby, C. (2002) *Televising the invisible: prisoners, prison reform and the media*. In David Brown, & Meredith Wilkie (Eds.), *Prisoners as citizens: human rights in Australian prisons*, 103-114. Federation Press.

Midões, M. (2020) *O terceiro setor de radiodifusão em Portugal: mapeamento e caracterização das rádios comunitárias* [Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra] Repositório Científico da Universidade de Coimbra.
<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/95297>

Minc A., Butler T., Gahan G. (2007) *The Jailbreak Health Project – Incorporating a Unique Radio Programme for Prisoners*. International Journal of Drug Policy, no. 18, pp. 444–46.
<https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2007.04.003>

Paula, P. (2012) *Rádios Comunitárias: Em prol da Comunicação para o Desenvolvimento. Perspectiva Comparada: Guiné-Bissau e Moçambique* [Tese de doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa] Repositório do Instituto Universitário de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10071/5517>

Pereira, S., Pinto M., Moura., P. (2015) *Níveis de literacia mediática: Estudo exploratório com jovens do 12º ano*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/40488>

Peruzzo, C. (1998). Participação nas rádios comunitárias no Brasil. Repositório da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, da Universidade da Beira Interior.
www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf

Ribeiro, N. (2022). *Para uma História do Jornalismo no Meio Invisível*. Livros ICNOVA.
<https://colecaoicnova.fcsb.unl.pt/index.php/icnova/article/view/108>

Recomendação nº 625/CE sobre literacia mediática no ambiente digital para uma indústria audiovisual e de conteúdos mais competitiva e uma sociedade do conhecimento inclusiva (2009) Jornal Oficial da União Europeia. <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2009:227:0009:0012:PT:PDF>

Santos, R. (2017) *Estudos da Rádio em Portugal*. Universidade Católica Editora.
<https://doi.org/10.34632/9789725405574>

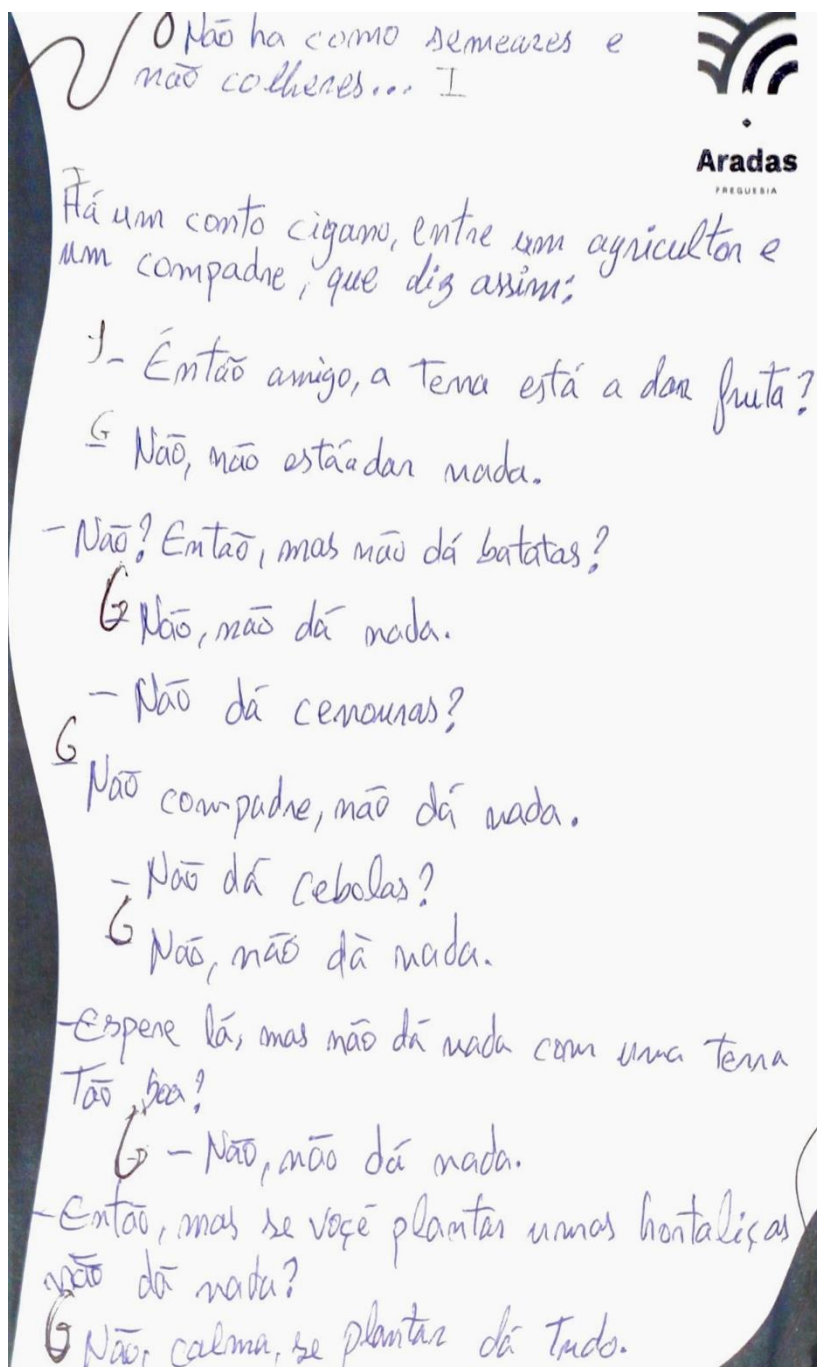
Scifo, S. (2014) *Communication Rights as a Networking Reality: Community Radio in Europe*. In: Padovani, C., Calabrese, A. (eds) *Communication Rights and Social Justice. Global Transformations in Media and Communication Research*. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9781137378309_10

Zacchetti, Matteo (2011), *An European approach to media literacy*, in Pereira, Sara (org.), Congresso Nacional «Literacia, Media e Cidadania», 25-26 Março 2011, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

ANEXOS

Anexo 1

“Não há como semeares e não colheres”, manuscrito produzido pelo recluso J, com a participação do recluso G.

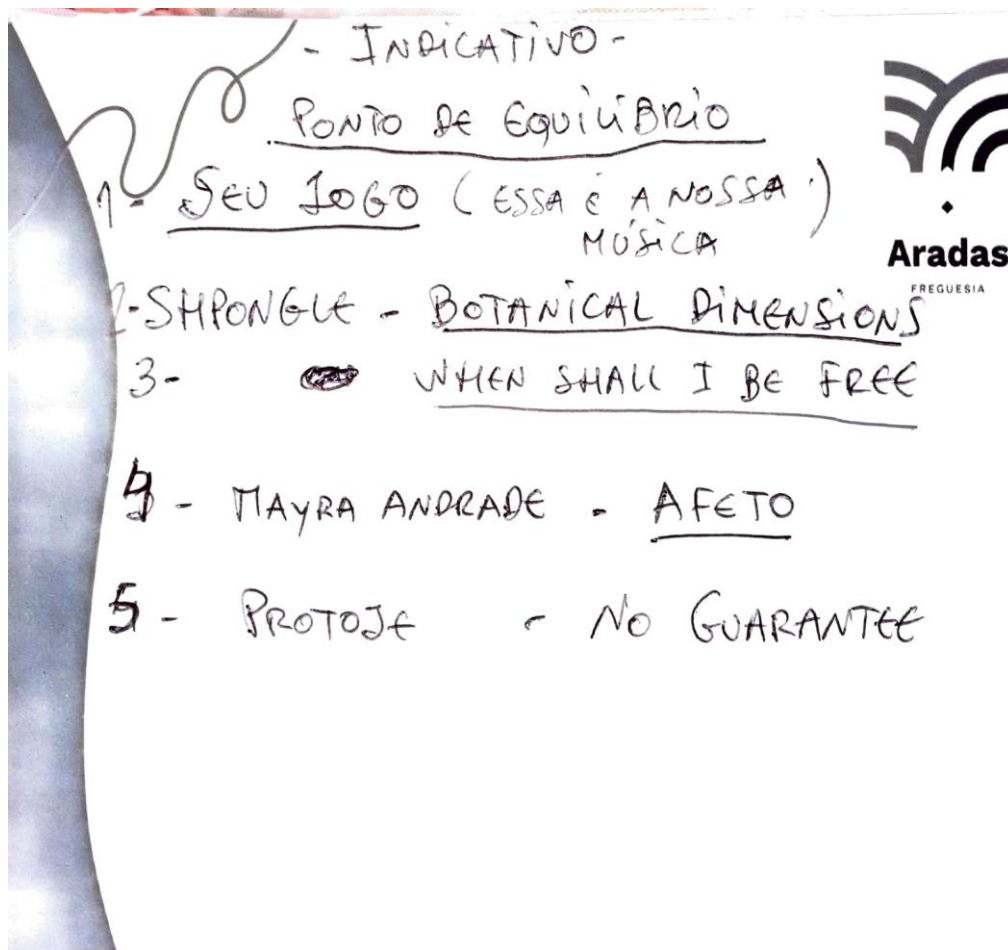


E a vida é isto. Nada cai do céu. Nada dá nada se não fizermos coisa nenhuma. Temos de ser nós a semear. Temos de ser nós a cultivar a nossa própria experiência. Mas também não adianta semear por semear, porque depois o mais certo é deixarmos de regar o que plantámos por falta de Paixão naquilo que escolhemos. Logo se é para fazer crescer alguma coisa, que seja a semente daquilo que desejamos e de Tudo aquilo com que sonhamos. Podem passar estações sem fim, Podem chover raios e dessemear-se ciclones, Pode até a Terra ser virada ao contrário, mas se continuares a semear, a regar e a acreditar que todas as tuas vontades são possíveis, um dia acabarão mesmo por ver florir a história que queres para a tua vida.

Semeia apenas o que queres colher. O universo fará o resto...

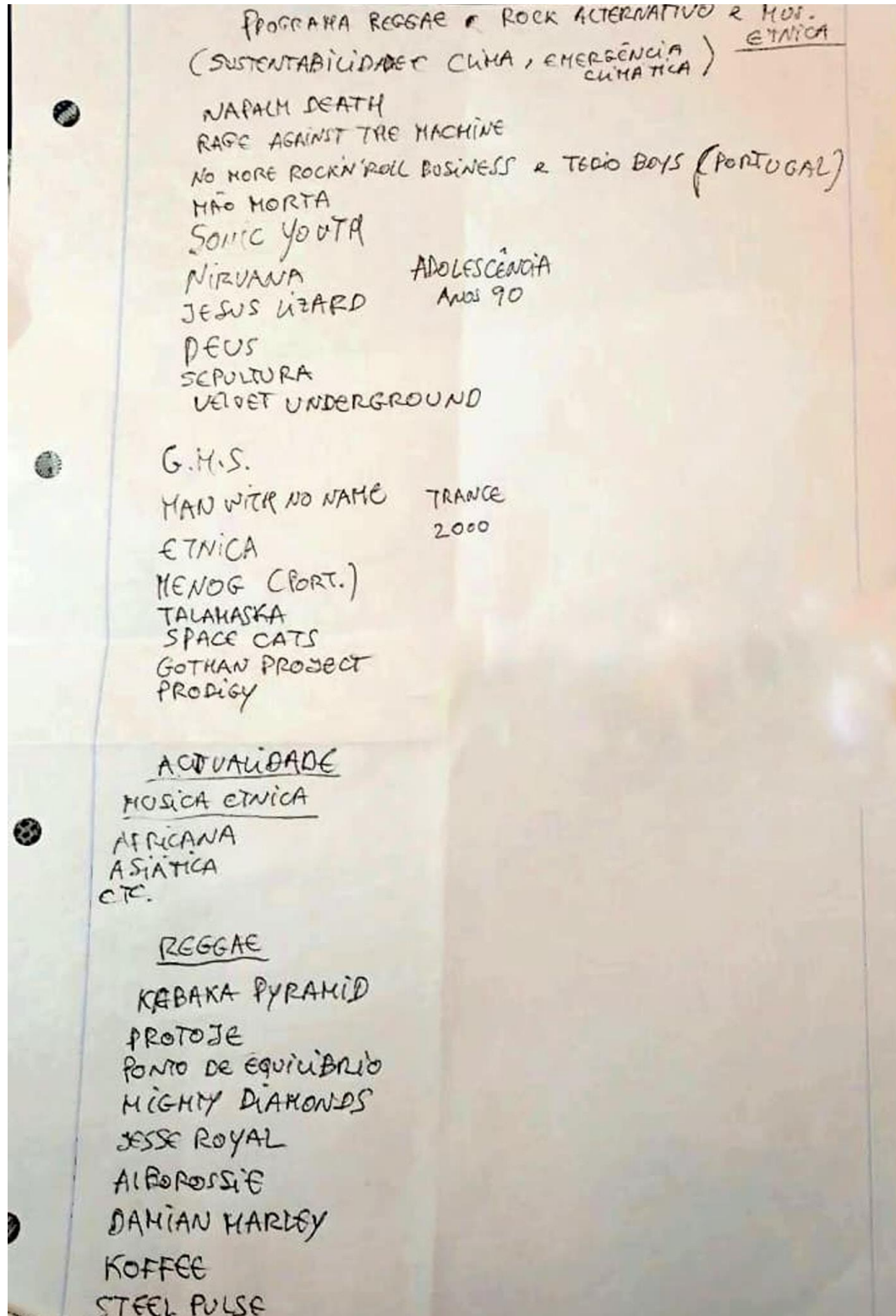
Anexo 2

Ideia para a produção do indicativo pertencente ao programa “Músicas no Mundo”, do recluso D.



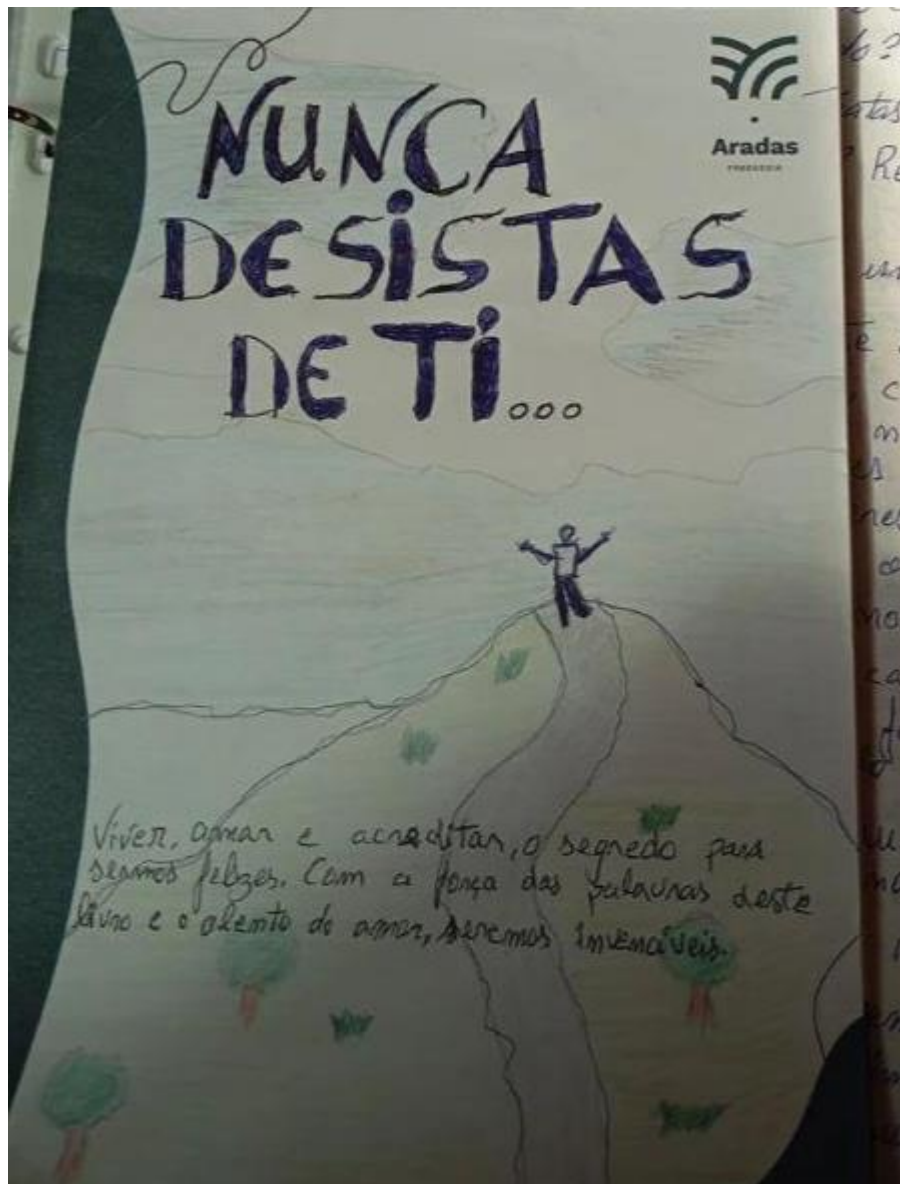
Anexo 3

Lista de músicas pedida em aula. Início do programa “Músicas no Mundo”.



Anexo 4

Bloco de notas com poesia do recluso J.



Anexo 5

Ficha de trabalho do módulo de entrevista.

14/03/2024 – Estabelecimento prisional de Aveiro

Parte Teórica (25 minutos)

- O que é uma entrevista? (5 minutos)
- Estilos de entrevista (5 minutos);
- Conversa vs entrevista (5 minutos);
- Pontos importantes de entrevista (5 minutos);

Parte Prática (30 minutos)

- Questionar quem gostariam de entrevistar (5 minutos);
- Escrever perguntas para essa entrevista (5 minutos);
- Recriar a pares essa entrevista e gravar (20 minutos);

Anexo 6

Cartaz do Ciclo de Cinema Radiofónico



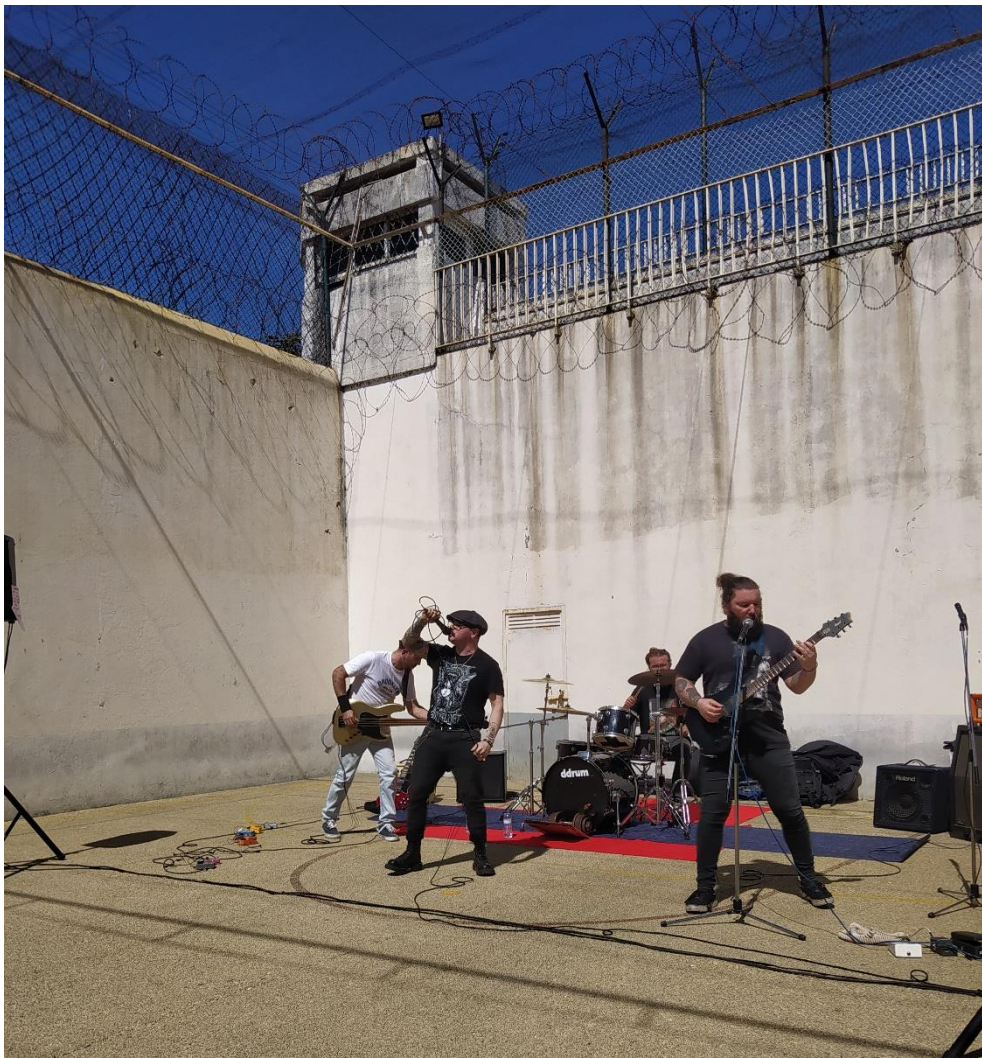
**CICLO
DE
CINEMA
RADIOFÓNICO**

22 de Abril Alan Partridge: Alpha Papa (2013)	25 de Abril Good Morning, Vietnam (1988)
23 de Abril Talk Radio (1988)	26 de Abril Pump Up The Volume (1990)
24 de Abril Radio Days (1987)	29 de Abril Um Quarto de Éter (2011) 25 anos da Rádio Universidade de Coimbra

Biblioteca | Início às 9h30 | 22/04/2024 a 29/04/2024

Anexo 7

Prottoblaster no momento de atuação no Festival Que Lata



Anexo 8

Epilepsia Alienígena no momento de atuação no Festival Que Lata



Anexo 9

DJ Maria Nolasco a abrir a tarde do dia 17 de Abril de 2024



Anexo 10

DJ NO NEW NEWS a encerrar a atuação do dia 17 de Abril de 2024



Anexo 11

DJ Bernardo Matos no último dia do Festival Que Lata, a 17 de Abril de 2024



